

9 MENTIRAS, 1 VERDADE

Das dez histórias que você leu nesta edição, 9 são mentirinha, invenção, ficção pura. Você seria capaz de descobrir a *única* que conta a verdade?

Ou: será possível dizer que uma história é completamente inventada ou 100% verdadeira? Mesmo nas mais mirabolantes mentiras pode haver gotas de verdade para torná-la convincente. Criar ficção seria dosar, como num laboratório, a quantidade de verdade ou mentira adicionada a determinada mistura narrativa. Nesse caso, você conseguiria ordenar as dez histórias da mais verídica para a mais falsa?

Ou: será que existe *alguma* história verdadeira nesta edição ou isso é mais um ardil de uma autora acostumada a inventar mentiras?

Afinal, se um fato que realmente aconteceu é colocado numa estrutura narrativa - protagonistas, início, meio, fim, viradas, clímax e desfecho - ele necessariamente está sendo reorganizado e romantizado para se transformar em história. Nesse caso, resta alguma verdade em qualquer coisa que contamos?

Ou ainda: todas as histórias são verdadeiras, não pelo fato que narram, mas pela faísca de humanidade que revelam. Mesmo em fatos não acontecidos e personagens que não existem, a ficção conta a verdade sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos. Nesse caso, faz sentido eleger uma história "mais" verídica?

No final das contas, é você, pessoa que lê, a única capaz de decidir. O jogo da ficção é como um Lego: o autor pode criar as peças, mas cabe somente ao leitor definir o que fazer com elas.

NA TEORIA

A importância de se autoconhecer antes de partir em jornadas de autoconhecimento: fui descobrir que tenho medo de altura lá no topo da cachoeira, olha que beleza. É, pela trilha que pegamos não dava para imaginar que seria tão alto.

O guia, todo tilelê, falava coisas bonitas e super astrais, chamando o pessoal para sentar nas pedras. "Daqui dá para se sentir no alto do mundo" e nos convidou a meditar; mas eu mal conseguia chegar perto da beirada, cê é louco que vou fechar os olhos aí perto.

Olhei pra baixo - que erro - só para sentir a força gravitacional me puxando pelos cílios. Uma moça ao lado tirava selfie, maior sorrisão, num belíssimo ângulo plongée. Vou é sair daqui. Voltei pra trilha, fiquei esperando o rolê terminar. Sozinha, riscando chão com graveto.

Quando voltaram, meu amigo disse que achou lindo, se sentiu energizado, mas não conseguiu meditar. Difícil esvaziar a cabeça, não pensar em nada.

Mas não é que você precisa esvaziar a mente, eu expliquei, lembrando dos conselhos de uma monja; o lance é se concentrar no presente, pensar na respiração, na posição da coluna, das pernas, do braço. Mas eu mesma não tinha conseguido meditar porque me caguei com a altura.

Bem, na teoria eu sou ótima.

~~FUMO E POESIA~~ POESIA E FUMO



Estávamos à distância de uma conversa. Ela não apertou minha mão, mas serviu café preto numa canequinha esmaltada, ofereceu biscoitos de polvilho que ela mesma fez, porque assim eram as coisas ali. Não dava para ser de outra forma.

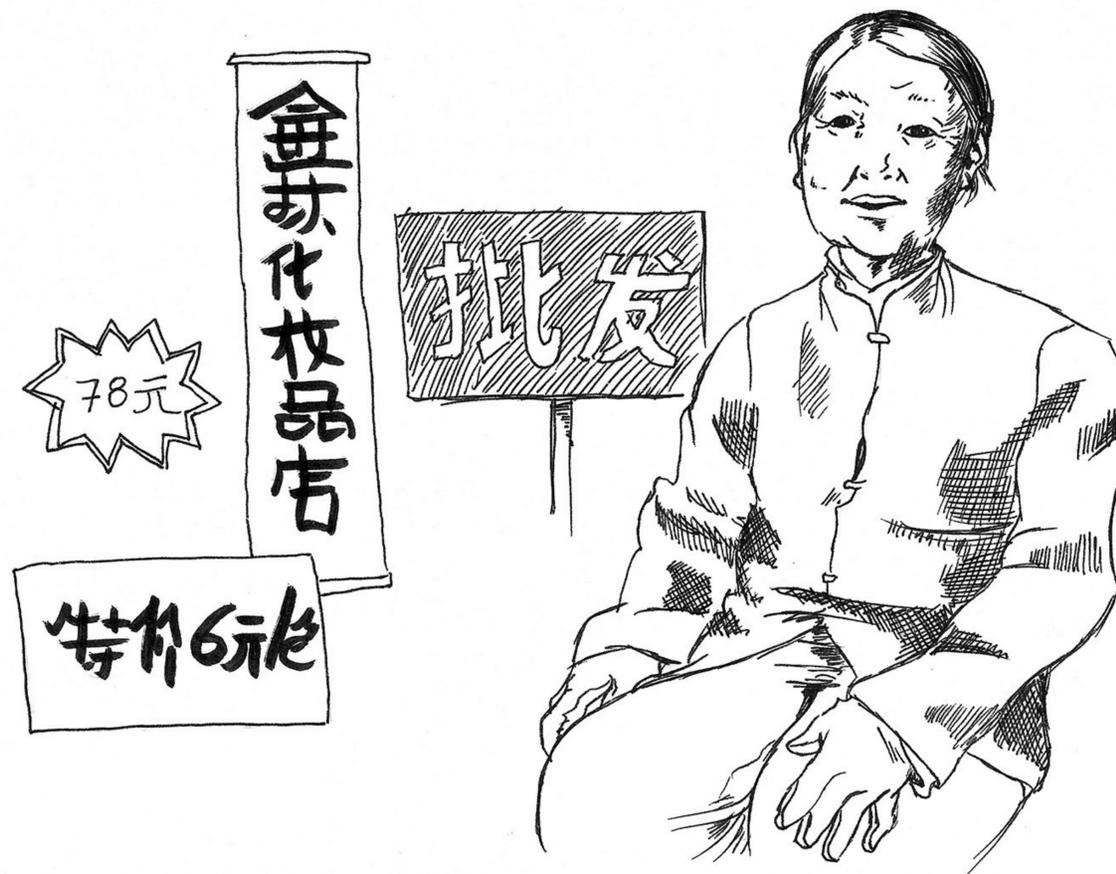
- Não chove aqui dentro? - eu queria saber sobre a telha improvisada, de palha trançada, em cima da cozinha.

- Não chove - foi só o que ela disse, mais concentrada em preparar o fumo.

Era fácil ver aquela mulher como necessitada, pobre. Mas não lhe faltava absolutamente nada. A roupa tinha mandado fazer e caía bem sobre seus ombros; o punho estava meio encardido, mas tinha firmeza, estava no lugar certo. O lenço amarrado na cabeça era mais um charme que um esconderijo pro cabelo, branco e grosso, que saía em ondas. A casa era cuidada com zelo, as louças limpas, ainda que poucas. A televisão, desligada, ficava sobre uma mesa, do lado de um livro aberto.

Poemas, consegui ver dali, não por proeza da minha visão, mas pelo arranjo das letras na página. Pendiam para o lado esquerdo.

Dona Beatriz contava que tinha netos na cidade, já cursando faculdade. Nunca apareceram ali, mas isso não fazia diferença; ela os tinha. Com a firmeza de troncos, seus dedos encheram o cachimbo e depois o acenderam. Mais um cheiro se misturou ao de café e planta seca. Enquanto dava mais um gole na caneca, juntei os farelos do biscoito no



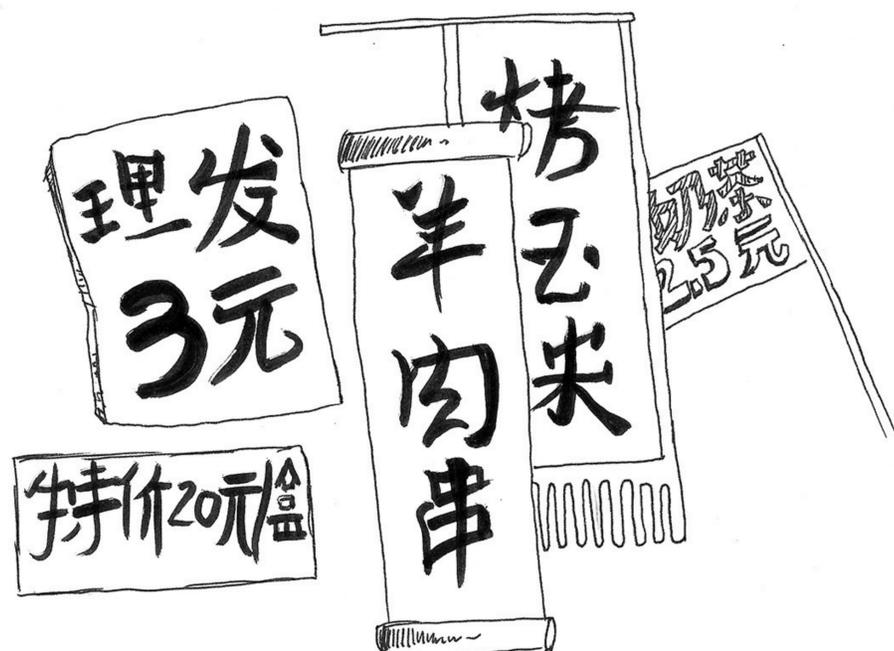
ainda disse bem tranquila: “se não puder pagar sessenta, não tem problema, não precisa comprar.”

Vitor saiu da loja mais confuso com a existência do que um recém-nascido, e Gabriela achou graça. Ela sabia onde ele havia errado feio na barganha.

- Claro que não funcionou. Pelo roxo das suas unhas ela percebeu que você não estava em condições de negociar.

Se Vitor saiu da loja com luvas novas? Claro que não. O que não foi uma boa ideia, porque depois iriam para um lugar congelante. Mas pelo menos Vitor manteve sua dignidade!

- E foi assim que perdi três dedos da minha mão, mas mantive minha dignidade - ele contaria quando voltasse ao Brasil, com quatro malas a mais.



Gabriela não aguentava mais. No passeio do Templo do Céu, ela só queria uma água, caramba, mas tanto os comerciantes quanto Vitor ainda faziam questão de barganhar. Uma água!

No dia em que foram visitar o Parque Beihai, Vitor acordou ainda mais negociante. Estava disposto a barganhar até às últimas consequências. Estava fazendo um frio desgraçado, e, como o itinerário do dia seria todo ao ar livre, no meio do passeio Vitor não aguentou: precisava comprar luvas.

Entrou numa loja, perguntou quanto era.

- Sixty - a senhorinha respondeu em seu melhor inglês.

Todo seguro, Vitor contra-atacou:

- Ten!

- Sixty - a vendedora nem mudou o tom de voz.

Vitor não entendeu. Ofereceu vinte. A vendedora manteve os sessenta. Vinte e cinco. Ela continuava firme nos sessenta! Vitor olhou abestalhado para Gabriela, sem entender. A senhorinha, mais inabalável que a Muralha da China,

cantinho da mesa; um minúsculo monte à beira do precipício.

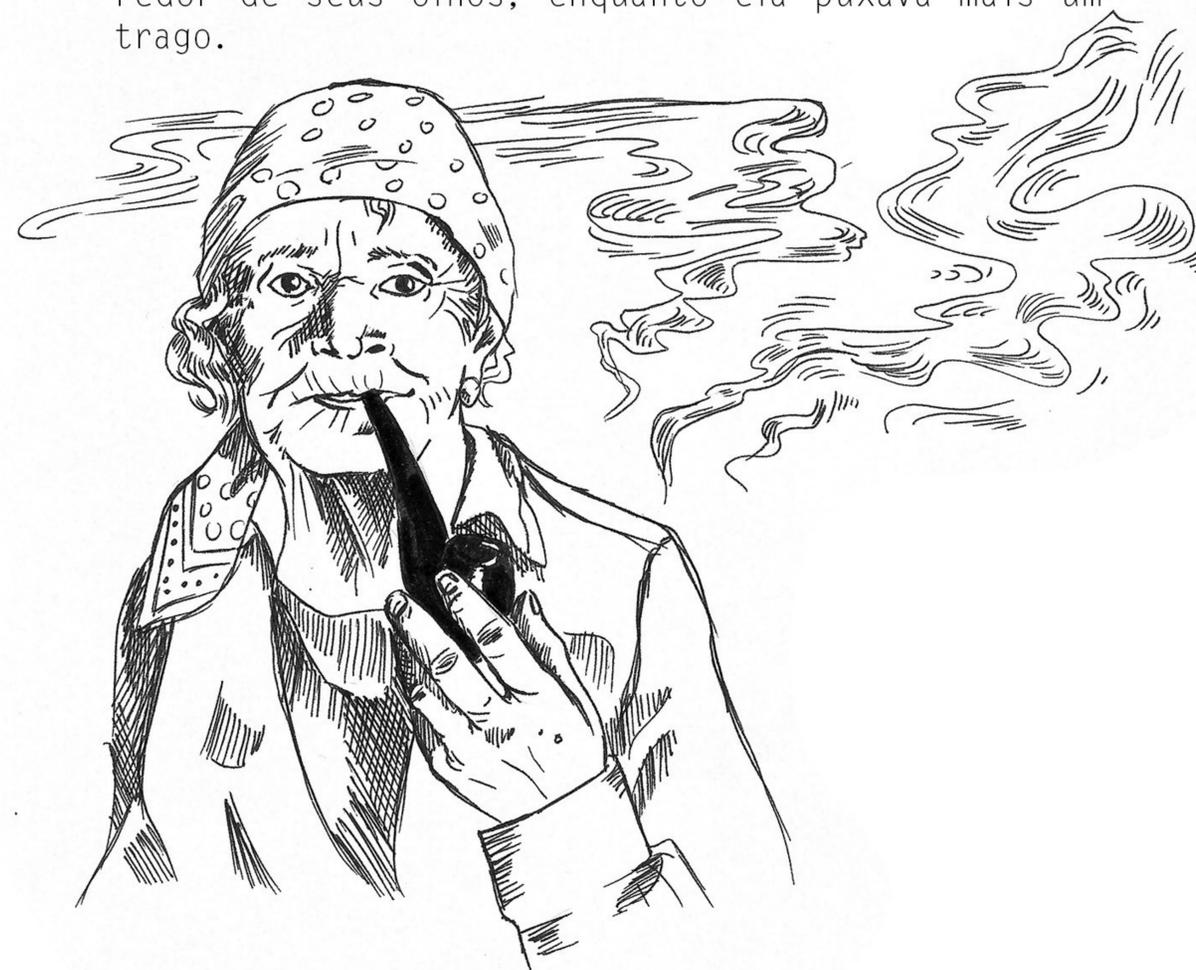
Não chovia. Mas tinha poesia e fumo.

Me senti antiga quando por um tempo veio o silêncio - Dona Beatriz preferia parar de falar enquanto fumava. Na verdade, contava segredos apenas para seu cachimbo. Mastigava fumaça e pensava. Como se não tivesse mais ninguém ali, palavras saíram de sua boca quase sem querer, os lábios mal tocando as consoantes. "Silenciosa órbita", ela pareceu dizer.

- Sabe o que é "órbita"? - me perguntou de repente.

- É quando os planetas giram no espaço, puxados por algo mais pesado que eles.

Dona Beatriz não disse mais nada. Orbitei ao redor de seus olhos, enquanto ela puxava mais um trago.



GELADEIRA DA FIRMA

CARO COLEGA QUE ABANDONOU UMA MARMITA COM OS RESTOS DE SUA BACALHOADA DE PÁSCOA,

estamos em julho. Se você pretende deixar sua marmita ocupando espaço até a próxima Páscoa, sugiro darmos um nome a ela. Assim podemos cumprimentá-la todos os dias e o RH poderá acertar férias, horas extras e INSS do que já se tornou mais que uma bacalhoadada, mas uma colega de trabalho. Não se incomode em retirá-la! Pelo cheiro, ela deve estar voltando à vida, criando braços e pernas para sair sozinha da geladeira.

GRATA.

Acho que ela gostaria de ser chamada de Alberta.
Disponha. 😊

- Hundred! - anunciava o vendedor.
- Ten! - Vitor respondia, com dedos e caras.
- Eighty, eighty - e assim ia.

Quando o chinglês não dava conta, a negociação se dava toda na calculadora. O comerciante digitava seu valor, Vitor digitava outro, o chinês fazia cara feia, gritava umas vogais bravas e mostrava outro número, até que ambas as partes ficassem satisfeitas no meio-termo.

A compra das malas foi mais desafiadora. Quer dizer, quando a vendedora disse o quanto custavam, Vitor achou mais que justo; em Reais aquele preço era uma bagatela. Já pensava em aceitar, mas a guia que os acompanhava interrompeu.

- No, no, no - e, em chinês, ofereceu 10% daquele valor.

A vendedora ficou irredutível. A guia balançou a cabeça e os puxou para fora da loja. Tentou falar para a guia que o preço estava ótimo, que queria fechar negócio, mas ela "no, no, no, vamos".

Quando começaram a descer a escada rolante, a vendedora saiu correndo atrás deles, balançando os braços e gritando "FAÇO POR VINTE!". A guia, do meio da escada rolante, gritava de volta: "A GENTE DÁ DEZ!" Vitor ficou assustado com aquela negociação, mas saiu feliz por ter comprado malas baratíssimas.



BARGANHA

Ir para a China seria a oportunidade perfeita para exercitar suas habilidades de negociação, Vitor pensou. O que poderia dar errado? Tudo bem que ele não falava chinês, mas teria um guia na viagem para quando não conseguisse se virar com o inglês.

Gabriela estava empolgada com seu itinerário. Em Pequim, queria ver a Cidade Proibida, a Praça da Paz Celestial e ah, a Muralha era obrigatória! Em Xangai, queria passar no Jardim das Nuvens Púrpuras, no Templo Yufo, no Mercado de Insetos. Vitor estava interessado mesmo nas compras. Compras, compras, compras. O objetivo era voltar para o Brasil mais carregado que consumidor alucinado em aniversário do supermercado Guanabara.

- Você sabia que lá se sentem ofendidos se você não negociar? - no avião, Vitor já preparava Gabriela para o clima que ele esperava encontrar.

Tinha feito um curso de negociação. O instrutor, entendido de negócios chineses, ensinou a manha. "Lá, se te disserem que algo custa 100, ofereça 10. Vão dizer 90, daí você oferece 20, que é o justo."

As primeiras tentativas foram muito boas. Vitor começou negociando quinquilharias que planejava levar de lembrancinha para os amigos. Se virou no chinglês e numa mistura de gestos e expressões faciais que só faziam sentido para os envolvidos na barganha.

COTOVELO

Nosso relacionamento coube numa travessia. Sinal vermelho pros carros, verde pra gente. Atravessamos, cada um de um lado. Só me dei conta dele - oi, crush - quando ele já estava perto demais para eu conseguir desviar. O cotovelo dele esbarrou de leve em mim. Pensei em pedir desculpas - mas pelo quê? Não era culpa minha. Também não chegava a ser um esbarrão. Eu o amava, eu o perdoava, lógico. O nome! Moço, seu nome? Até a pergunta sair ele já estaria longe. Rodrigo, tinha cara de Rodrigo. Tarde demais, já estávamos de costas. Cada um seguiu para o lado da rua de onde o outro veio. Nunca mais nos vimos.

ELISEU

Foram dois tiros. Só no segundo o corpo caiu. Os primos estavam animados com a caça no sítio, mas paralisaram quando viram que tinham matado, sem querer, o miquinho de estimação do tio. Naquela época, tinham nem 16 anos e já o primeiro homicídio. Dar sumiço no corpo. O tio ficou chateado com o desaparecimento de Eliseu, mas nunca chegou a desconfiar dos dois sobrinhos. Tinha muita onça naquela região.

ANOS 90

Foi num dia de show dos Trapalhões que a Angélica autografou a capa do meu gibi do Cybercops. Enquanto eu esperava meu pai voltar com o autógrafo do meio da multidão, o Tião Macalé, saindo pelos fundos, acenou pra mim.



- Por isso prefiro aqui, menorzinho, público mais selecionado. Quando se é um influencer, não dá pra frequentar os mesmos lugares, andar na rua despreocupado como uma pessoa *normal*. Tenho que tomar café nos lugares onde está a galera relevante, sabe? Aliás, sabe quem já veio aqui, nesse mesmo lugar onde estamos sentados? Jout Jout! Affe, lá vem.

- Que houve?

- Uma menina ali estava me olhando. Acho que me reconheceu. Disfarça, disfarça.

Não deu. A moça se aproximou e foi direto no Bruno.

- Oi, será que posso colocar meu celular pra carregar nessa tomada aqui do seu lado?

- Claro, fica à vontade!

Ela sorriu, agradeceu, espetou a tomada na parede e voltou para a mesa dela. Não era uma seguidora alucinada querendo interromper nosso café. Mas, pela cara azeda que fez, Bruno pareceu desapontado. Vai ver faltava açúcar no expresso dele.



PEQUENAS GRANDEZAS

Fomos tomar um café quando o Bruno me contou por que não vai mais ao Starbucks.

- Não dá. As pessoas me reconhecem, ficam tirando foto, é um saco.

- Sério? Já te abordaram?

A última foto que Bruno postou nas suas redes ganhou uns 600 corações. O celular dele, sobre a mesa e ao lado do cardápio, não parava de acender para mostrar novas notificações.

- Não, mas quando eu estava na fila pra fazer meu pedido, parou uma mulher do meu lado e ficou mexendo no celular. Do nada, vem um flash na minha direção. Eu olho pra ela - moça com cara de tia, sabe? - e ela fica toda constrangida, faz um "tsc" como se o celular tivesse acionado o flash contra a vontade dela, como se, sei lá, ela estivesse tentando usar a calculadora e PUF tirou uma foto. Aham, sei.

- Ela queria tirar uma foto sua?

- Com certeza! Se achando a paparazzi, ainda. Não duvido que tenha postado no stories dela pra conseguir uns likes às minhas custas. Aliás, custava ter pedido pra tirar uma foto comigo? Povo mais uó.

- Então foi isso? E você não vai mais lá?

- Ficou impossível! Toda vez que o barista gritava meu nome para eu buscar meu café, eu sentia olhares em minha direção. "Será que é ele? Nossa, o Bruno Arroba tomando café aqui, vou postar isso!". Não dá, não dá. O Starbas era meu lugar seguro, sabe? Mas não posso mais tomar um latte sem ser reconhecido!

- Que problemão.



~~FOTO~~ Sai, ladra.

Ela queria tanto ser eu que apagou meu nome. Copiou o texto inteiro, mudou algumas coisas pra não dar muito no cara, colocou o nome dela no lugar do meu. Entregou como se fosse dela, nem deve ter corado. Quando me mostraram - olha, não parece aquele teu texto? - a raiva doeu tanto que quis retribuir com hematomas. Duas marcas, uma de cada lado do rosto, iguaizinhas, feito plágio. Mas, quando cruzei com a ladra, desisti de violência, empurrão, barraco. Não teve coragem de me olhar nos olhos. Porque sabia. E sabia que eu sabia. Passou a raiva quando percebi que eu escreveria outros textos melhores que aquele. Já ela: não tinha nada. Quis apagar meu nome; mas foi o dela que desapareceu, anos depois, quando o primeiro resultado da busca mostrou outra pessoa, nome e sobrenome idênticos, mas estudante de veterinária em Tocantins.

ESSE CORPO TEM UM NOME

Reparo é uma arte perdida. Estragou, compra novo; é a lógica, é mais barato. Um dia, talvez, o que fique obsoleto seja esse pensamento. Por enquanto, o que vai ficando velho é o trabalho do Seu Edir.

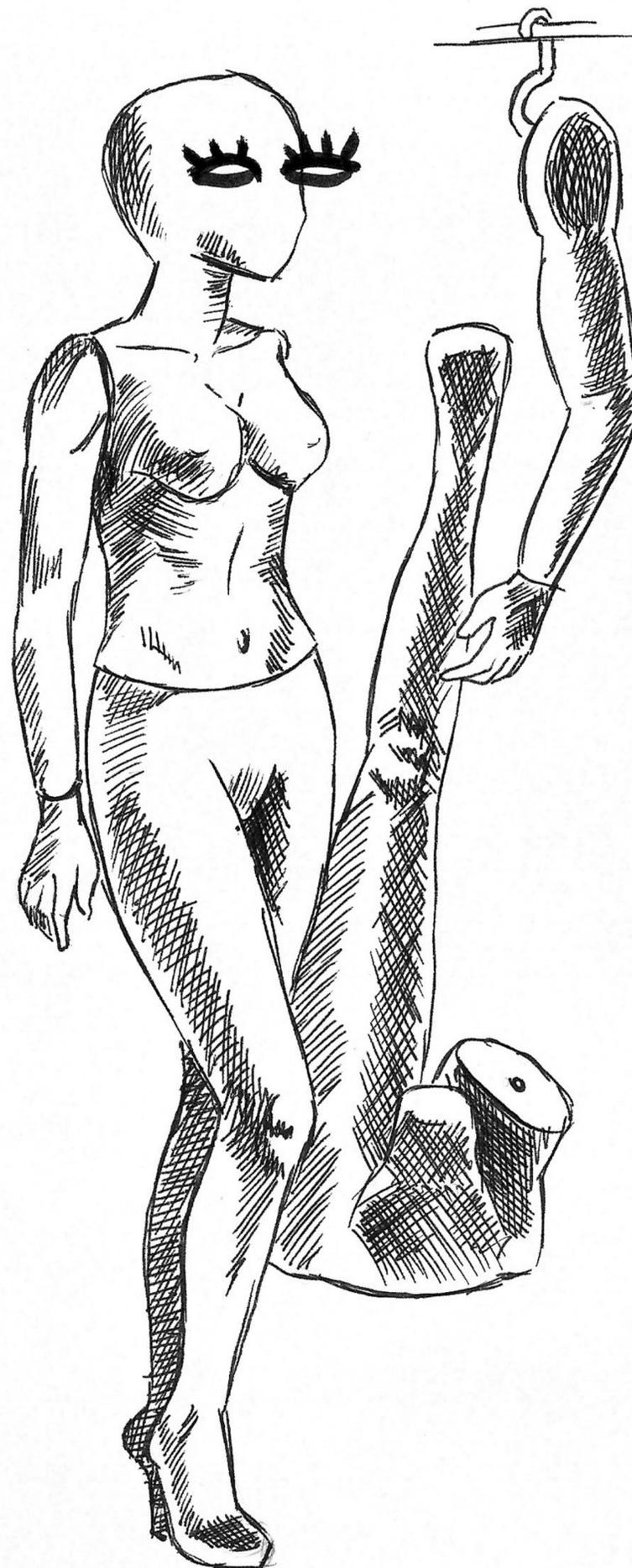
Nos fundos de casa, mostra o quartinho que usa como oficina. Num canto há uma caixa cheia de mãos, em outro, pedaços de corpos empilhados, etiquetas grudadas na parede indicando números, datas, o nome dos clientes. Sensuelle Lingerie. Mestre das Camisetas. Dona Lígia.

Tem uma demanda grande aquela semana: a dona do armarinho mandou seus 5 manequins velhos de guerra para um tapinha. Feios, descascados. Os mamilos duros, mas a pele sem brilho. A cliente quer que os pinte de azul, coral, verde. Cores vibrantes para dar um ar moderno, ela disse. Combinaria com a decoração nova da loja.

Seu Edir tem um gosto mais clássico para manequins, prefere os com pele cor de gente. Não se importa que sejam carecas, mas tem pavor daqueles sem rosto.

Veza ou outra aparece um desses abstratos para ele consertar. Se pudesse, colocaria olhos em todos que passam por sua oficina, mas faz só o que os clientes pedem.

Antes de os consertar, desmonta-os até a essência. Separa o tronco das pernas. Pendura os braços. Deixa a cabeça na mesa. Lixa a pele. No que ele considera sua mesa cirúrgica, os manequins ficam em seu estado mais vulnerável. Seu Edir os conhece do avesso, as bases de sua estrutura, a cor original de seu material.



Desliga a lixa da tomada e, com o torso do manequim no colo, começa a passar resina em toda a superfície. Faz com paciência, como se lesse com os dedos cada curva daquela anatomia de plástico.

Pendura de cabeça pra baixo pra secar. Apanha uma caneta e escreve algo na parte de baixo do torso, a que será colada com as pernas depois: Bárbara.

Aquelas peças agora têm nome, e quem mais teria o direito de nomeá-las se não o homem que as devolve à vida - o máximo de vida que cabe num manequim -, quem as conhece com propriedade, quem lhe dá mãos novas?

Seu Edir termina as pernas e as junta ao torso, fazendo assim desaparecer o nome. Uma intimidade que só existe entre eles, criador e criatura. Edir e Bárbara. Só conhecerá o segredo aquele que um dia a partir ao meio e a fizer voltar à sua condição de peças. Enquanto estiver inteira, sua parte mais íntima - o nome - estará protegido.

Talvez seja o que faz seu trabalho ser tão único. Não há verniz que dê a um manequim um brilho tão intenso quanto um nome próprio. É isso que faz os bonecos de Seu Edir parecerem tão vivos? Uma identidade?

Ele sacode os ombros. Nunca tinha pensado nisso. Diz que coloca os nomes para facilitar a identificação dos corpos. E coloca um "ok" ao lado do nome de Bárbara na planilha de serviços. Parte pro próximo.